



É fantástico

Dinâmica 8

3ª Série | 3º Bimestre

DISCIPLINA	ANO	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	3ª do Ensino Médio	Pressupostos, subentendidos, gêneros textuais: lenda, samba-enredo e romance infanto-juvenil.	H03– Inferir uma informação implícita em um texto.

DINÂMICA	É fantástico.
HABILIDADE PRINCIPAL	H03 – Inferir uma informação implícita em um texto.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H08 – Identificar o gênero de diferentes textos.
CURRÍCULO MÍNIMO	Reconhecer e valorizar a pluralidade sociocultural pelo estudo das lendas indígenas e africanas.

Professor

Professor/a, nesta Dinâmica você irá desenvolver as seguintes etapas com seus alunos:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Senta que lá vem história.	Apresentação da dinâmica, leitura em voz alta e discussão.	30 min	Toda a turma.	Oral/ Coletivo.
2	Resolveremos mesmo sem poções e poderes mágicos.	Formação de grupos, realização e apresentação das atividades.	30 min	4 a 5 alunos.	Escrito/Oral/ Grupo.
3	Cuidado com o vestibular. Ele “te pega daqui, te pega de lá”.	Questões objetivas.	20 min	Individual.	Escrito.
4	Quem conta um conto aumenta um ponto.	Contação de lendas.	30 min (sugestão)	4 a 5 alunos.	Atividade prática, escrita e oral.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Fichas de leitura e atividades componentes do material do aluno e do professor.

ETAPA 1

SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA



APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA, LEITURA EM VOZ ALTA E DISCUSSÃO

APRESENTAÇÃO

É consenso hoje o entendimento sobre o caráter multicultural da nacionalidade brasileira. As diversas informações fornecidas pela História e os consistentes estudos desenvolvidos na área de Ciências Sociais não deixam dúvidas a respeito da grande dívida que nós, brasileiros, temos com diversos povos que contribuíram de forma decisiva para a formação de nossa identidade e daquilo que chamamos “brasilidade”.

A formação do povo brasileiro se deu, inicialmente, pela miscigenação do negro (nativo africano) com o índio (nativo americano) e o europeu português. Posteriormente, receberíamos outras contribuições importantíssimas a partir da chegada de italianos, holandeses, russos, alemães e até japoneses (!). Isso poderia levar a uma ideia errônea de equivalência entre as influências culturais tão diversas que nos formaram, talvez minimizando a presença de indígenas e negros, enxergando-os como dois “povos” diluídos em meio a tantos outros. Uma conclusão assim seria reforçada pelos

grandes meios de comunicação, que mostram nossos nativos e os africanos de forma homogênea. Os índios são mostrados como se fossem iguais em todo o território nacional, compartilhando uma única etnia. Já os negros parecem ter vindo de um único país com uma única cultura – não é raro encontrar pessoas se referirem-se à África como se fosse um grande país, esquecendo-se de que se trata de um continente gigantesco.

A inclusão nos PCN da formação cultural brasileira a partir da contribuição de negros e indígenas busca combater tal equívoco. Já vimos na Dinâmica 1 aspectos ligados à formação da consciência negra como fator fundamental de reconhecimento do elemento negro em nossa gênese. Da mesma forma, é possível verificar a presença do indígena em momentos sequer suspeitados em nosso dia a dia. Sobretudo aqui no Rio de Janeiro, é necessário apontar tal influência, uma vez que o elemento indígena parece sofrer não só diluição, mas constante apagamento em relação a uma forte e visivelmente valorizada participação do negro na história cultural fluminense e na implementação de ações afirmativas.

Nesta Dinâmica, tentou-se promover, a partir de textos que se referem a tais culturas, o interesse dos alunos em relação ao assunto. Busca-se fazê-los perceberem a consistência das influências negra e indígena pelos aspectos encontrados na vida prosaica e nas manifestações artísticas que eles, alunos, conhecem.

Vale ressaltar, no entanto, que nossa habilidade principal será a busca por caminhos que levem os alunos a identificarem implícitos nos textos de gêneros distintos. Os Textos componentes da antologia apresentam gêneros já visitados, como a canção, e novidades, como a lenda.

A Etapa Opcional traz um exercício de reescritura com o perfil de recriação. Dando asas à imaginação, cremos que nossos alunos poderão sedimentar seus conhecimentos de forma lúdica.

É comum ouvirmos que a cultura brasileira é rica e que os estrangeiros a admiram. Entretanto, nem sempre sabemos dar o devido valor ao legado deixado por povos como os indígenas e os de origem africana à formação de nossa identidade cultural.

Por isso, selecionamos nesta Dinâmica alguns textos que fazem referências explícitas a personagens, lendas e elementos ligados ao negro africano e ao índio que os portugueses encontraram aqui ao chegarem, lá em 1500. Você sabe, porque é fala corrente, que nossa cultura é miscigenada. Mas você sabia que aquele mate que você bebe na praia ou compra na cantina é uma herança dos índios?

Nesta Dinâmica temos uma proposta: vamos estudar um pouco a presença do *folclore* e do *fantástico* na caracterização dos gêneros *lenda*, *canção* e *romance infanto-juvenil*. Você já ouviu falar em folclore, certo? E em fantástico? Vamos aproveitar os textos selecionados para ver também como se utilizam as inferências. Lembra-se delas? Fazemos uma inferência quando chegamos a uma conclusão sobre uma situação sem que ela esteja mencionada explicitamente, apenas seguindo “pistas”. Por exemplo, se uma pessoa usa aliança, podemos inferir que ela seja casada sem que nos diga isso. Assim, estaremos desenvolvendo mais e melhor nossa competência leitora.

Você, provavelmente, ficará surpreso com o fato de que diversas lendas, personagens e histórias fazem parte de nosso imaginário sem que tenhamos nos dado conta disso, assim como poderá observar que nossas lendas não perdem em nada para aqueles filmes fantásticos de Hollywood.

Vamos agora observar, na coletânea de textos a seguir, como alguns autores se apropriaram do nosso folclore para dar vazão às suas mais impressionantes histórias.

Condução da atividade

- *Solicite que os alunos leiam os textos em silêncio a fim de que tomem ciência do assunto a ser trabalhado.*
- *Faça uma leitura compartilhada em voz alta.*
- *Lance à turma algumas perguntas durante a leitura a fim de verificar se estão atentos.*
- *Fomente uma discussão inicial sobre a presença do elemento indígena e negro nos textos lidos.*
- *Aponte detalhes que revelem a necessidade do conhecimento de mundo para identificar implícitos.*
- *Demonstre as diferenças na construção dos gêneros a partir da ideia das tipologias textuais: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.*
- *Caso ache necessário, retome partes do texto.*
- *Controle o tempo.*



Orientação didático-pedagógica

Professor/a,

Esta Dinâmica possui o objetivo principal de mostrar o uso de informações implícitas em um texto a partir de três gêneros: canção (samba-enredo), lenda e romance infanto-juvenil.

Apesar de termos a presença de referências ao folclore das culturas indígenas e africanas nos programas de televisão, nas peças publicitárias e nos meios de comunicação de massa em geral, percebemos uma diluição dessas culturas em nome de um apelo ao exotismo que as submerge em clichês que nada acrescentam ao conhecimento do aluno acerca da formação miscigenada na identidade brasileira. Cabe, então, à escola oportunizar o contato com elementos fundamentais de nossa gênese, inclusive porque o entendimento dos processos envolvidos em nossa formação como povo é situação imprescindível para a formação de consciência crítica. Ao mesmo tempo, o contato com o universo indígena e africano é capaz de proporcionar

a ampliação prazerosa da visão de mundo dos alunos, ao perceberem a importância da imaginação e da criatividade nas narrativas que, de alguma forma, evocam nossa história e nossas primeiras relações com o mundo enquanto povo em formação.

Por isso, a fim de proporcionar aos alunos um pouco do universo “mágico” e de certa forma “curioso” das lendas, mitos e narrativas fantásticas que fazem parte da formação brasileira, selecionamos exemplos desse universo para constar da antologia. Vale ressaltar que será dado um enfoque especial ao recurso linguístico de formação do implícito. Por isso, você deverá se ocupar de lembrar à turma elementos componentes desse processo na elaboração de textos. Faça perguntas e conduza a leitura de maneira que os alunos possam chegar a conclusões a respeito das informações que os textos não dão, mas são fundamentais para o entendimento.

Os textos selecionados obedeceram a alguns critérios importantes. Eles deveriam reconhecer o valor multicultural de nossa identidade através de conteúdos que abordassem uma temática do nosso folclore ou da história dos povos indígenas e africanos, que deixaram preciosos legados à formação brasileira, deveriam ser de gêneros diferentes, além de proporcionar o estabelecimento de comparações com a estrutura fantástica presente no dia a dia do aluno – a partir do cinema e dos jogos virtuais, por exemplo. Por isso, é importante que você tenha isso sempre em mente durante a abordagem dos textos e a realização das atividades. Seus comentários são muito importantes. Os alunos, ainda que nem sempre deixem isso claro, confiam em você e levam em alta conta o que você diz. Valorize também o conhecimento deles, instigando-os a se lembrarem de outras histórias que conheçam envolvendo a herança indígena e a africana.



TEXTO I

A LENDA DA ERVA-MATE

Há muito tempo, era costume dos índios Guarany derrubar a mata para plantar a mandioca e o milho, mas depois de algum tempo a terra não produzia mais e, assim, a tribo acabava tendo de emigrar para outro lugar.

Certa vez, por estar cansado de tais andanças, um velho índio recusou-se a seguir adiante e preferiu ficar na tapera. A sua filha mais jovem, a bela Jary, ficou com seu coração partido, pois não conseguia se decidir se iria embora com os mais novos da tribo ou ficava com seu pai. Embora os moços tenham implorado para Jary ir com eles, ela terminou permanecendo junto ao velho pai. Essa atitude de amor mereceu uma recompensa.

Certo dia, chegou por aquelas paragens um pajé desconhecido e perguntou à indiazinha o que ela queria para sentir-se feliz. Jary não pensou em nada, porém o velho pai pediu: quis ter suas forças renovadas para poder seguir adiante com sua filha. Diante do pedido, o pajé entregou a ele uma planta muito verde, perfumada de bondade, e man-

dou que o velho plantasse aquela muda, colhesse suas folhas, secasse ao fogo, triturasse, botasse os pedacinhos num porongo. Depois disso, deveria acrescentar água quente ou fria e sorver essa infusão. Após a explicação, disse: “Terás nessa nova bebida uma nova companhia saudável mesmo nas horas tristonhas da mais cruel solidão.”

Quando o índio fez o que lhe havia mandado o pajé, ganhou força e pôde empreender a longa caminhada até o encontro da tribo, que havia partido sem eles.

Foi assim que nasceu e cresceu a caá-mini. Dela resultou a bebida caá-y que os brancos mais tarde adotaram com o nome de erva-mate, muito utilizada pelos gaúchos no chimarrão.

PAULINI, Marco. Texto adaptado especialmente para esta dinâmica. Disponível em: <https://sites.google.com/site/magiadolorixas/lendas-afro-brasileira/lenda-da-erva-mate>. Acesso: 07 jun. 2013.

VOCABULÁRIO:	
Paragens	locais de descanso.
Pajé	uma espécie de sábio, curandeiro de tribos.
Porongo	fruto comestível de tamanho grande com casca grossa que pode ser utilizada como vasilha para chimarrão.
Infusão	ato de colocar água quente sobre ervas a fim de obter chás.

TEXTO II

Kizomba, A Festa Da Raça

Luiz Carlos da Vila

Valeu, Zumbi

O grito forte dos Palmares

Que correu terra, céus e mares

Influenciando a abolição

Zumbi, valeu

Hoje a Vila é Kizomba

É batuque, canto e dança

Jongo e Maracatu

Vem, menininha

Pra dançar o Caxambu

Disponível em: <http://letras.mus.br/luiz-carlos-da-vila/924869/> Acesso em: 29 maio 2013.

VOCABULÁRIO:	
Palmares	foi um quilombo da era colonial brasileira. Localizava-se na Serra da Barriga, na então Capitania de Pernambuco, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado brasileiro de Alagoas.
Kizomba	é um gênero musical e de dança originário de Angola.
Jongo (ou caxambu) e Maracatu	são danças de origem africana.

TEXTO III

Capítulo 21 – Na caverna da Cuca

Voltando os dois na maior pressa para os domínios da Cuca, encontraram-na com um estranho ar de riso na horrenda boca, a falar sozinha, como se estivesse muito satisfeita da vida. Assim, porém, que os viu de novo por lá, a bruxa estremeceu e o seu sorriso transformou-se numa careta de cólera e desespero.

– Conseguiram voltar? – exclamou traindo os seus maus pensamentos.

– Está claro que sim! – respondeu o saci.

– E trouxeram o fio de cabelo da lara?

– Está claro que sim! – repetiu o saci. – Ei-lo aqui, disse, apresentando à horrenda megera o verde fio de cabelo da mãe d’água.

A Cuca estorceu-se toda dentro do novelo de cipós num supremo arranco para libertar-se dos cipós. Vendo que nada conseguia, pôs-se a vociferar e a soltar pela horrível boca uma espuma venenosa.

Aquela história de que os cabelos da lara iriam salvar a menina era um plano para livrar-se do saci e do menino. Na certeza de que nenhum deles resistiria aos encantos da lara, mas vendo que se tinha enganado, debatia-se em um acesso de cólera e desespero, sentindo-se completamente vencida. E por quem! Por um menino de nove anos e mais um saczinho...

Entretanto, pérfida como era, tentou ainda usar da astúcia. Acalmou-se e disse, num tom muito amável:

– Muito bem. Mas esse fio de cabelo da lara não basta para romper o encanto da menina. Preciso ainda de um fio de barba do Caipora.

– Perfeitamente, Senhora Cuca. Ali em cima daquelas estalactites está o fio de barba do Caipora de que você precisa – disse o saci, apontando para o pingo d’água. – Vou já buscá-lo...

Vendo pela firmeza das palavras do saci que era inútil tentar enganá-lo uma segunda vez, a Cuca deu um profundo ai e confessou-se vencida.

– Meus parabéns. Vocês descobriram a única arma no mundo capaz de vencer uma Cuca – esse miserável pingo d’água... Farei como querem. Desencantarei a menina. Voltem ao sítio, procurem perto do pote d’água uma flor azul que lá deixei, arranquem-lhe as pétalas e lancem-nas ao vento logo ao romper da manhã. Narizinho, que deixei transformada em pedra, reaparecerá imediatamente.

– E se isso for um embuste como da primeira vez? – perguntou Pedrinho.

– Não é, reconheço que fui vencida em teimar. Voltem ao sítio, façam o que eu disse e depois venham desamarrear-me. Juro que jamais perseguirei qualquer pessoa lá do sítio.

LOBATO, Monteiro. **Saci**. São Paulo: Globo, 2002.

VOCABULÁRIO:	
Cuca	é um dos principais seres mitológicos do folclore brasileiro. Ela é conhecida popularmente como uma velha feia na forma de jacaré que rouba as crianças desobedientes.
Iara ou Mãe d'água	é uma linda sereia que vive no rio Amazonas, sua pele é morena, possui cabelos longos, negros e olhos castanhos.
Saci	personagem do imaginário fantástico brasileiro que possui apenas uma perna, usa um gorro vermelho e sempre está com um cachimbo na boca. Inicialmente, o saci era retratado como um curumim endiabrado, com duas pernas, cor morena, além de possuir um rabo típico.
Caipora	no folclore brasileiro, é representada como um pequeno índio de pele escura, ágil, nu, que fuma um cachimbo e gosta de cachaça. De acordo com a lenda, ele ataca os caçadores que não cumprem os acordos de caça feitos com ele. Assim como o Curupira, de quem possui um parentesco, sua missão é proteger os animais da floresta.

Caleidoscópio

Saiba um pouco mais sobre Zumbi

Onde encontrou esse nome? No Congo e em Camarões, o deus principal se chamava Nzambi; em Angola, diziam ser zombi o defunto, e zumbis, no Caribe, são mortos-e-vivos, criaturas sem descanso, mesmo no Além. Mais uma vez, dependeremos dos papéis históricos para algum dia deciframos o mistério do rebatismo de Francisco: do passado distante, ele zomba de nós. É mais fácil responder a esta pergunta: por que escravos fugidos mudavam de nome?

Para os povos ágrafos, como eram a maioria dos africanos trazidos para cá, e os indígenas, naturais daqui, o nome é uma coisa absolutamente vital. Na Senegâmbia, uma criança só era gente depois que seu pai lhe gritava ao ouvido, no meio do mato, o nome que lhe queria dar (p. 28-29).

Francisco, retornando de Palmares, com quinze anos, passou a se chamar Zumbi. E constituiu, livremente, sua família – um pai, irmãos, tias e tios. O principal destes se chamava Ganga Zumba. Ganga Zumba, que chegou a Palmares no tempo da invasão holandesa, era, ao contrário de Zumbi, um africano alto e musculoso. Tinha, provavelmente, temperamento suave e

habilidades artísticas – como, em geral, os nativos de Allada, nação fundada pelo povo ewe na Costa dos Escravos.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 1941. [Coleção Biografias]



ETAPA 2

RESOLVEREMOS MESMO SEM POÇÕES E PODERES MÁGICOS



FORMAÇÃO DE GRUPOS, REALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Aprender novas coisas sobre nossa cultura é muito interessante e, se isso nos ajudar a entender alguns procedimentos textuais, melhor ainda.

Agora o/a professor/a vai formar grupos para resolução das atividades propostas. Elas servirão como roteiro de leitura dos textos da Fase 1, lidos em conjunto com a turma. Lembre-se de que atividades em grupo exigem maior capacidade de organização, além de evidente respeito pela opinião do outro.

Então, mãos à obra!

Condução da atividade

- Distribua os alunos em grupos de 4 a 5 componentes.
- Recomende ao grupo a escolha da função de cada componente, por exemplo, um poderá ser o revisor final de uma atividade, responsável pela apresentação oral das conclusões do grupo.
- Oriente-os a fazer registros pessoais no seu material, mesmo que apenas um membro do grupo seja o relator da atividade.
- Divida o tempo de maneira que o grupo possa apresentar suas dúvidas e que você possa indicar novos rumos para o trabalho, se for necessário.
- Verifique se todos estão realizando as tarefas conjuntamente.
- Mantenha-se à disposição para dirimir dúvidas que possam surgir ao longo das atividades.
- Controle o tempo para todas as etapas do processo.

- Assuma o papel de mediador no momento de proceder à correção.
- Permita que a turma se expresse ao solicitar as respostas aos exercícios propostos.
- Respeite as falas dos alunos e aprofunde o conteúdo necessário a partir dessas intervenções (dê outros exemplos, exponha detalhes, peça que vejam outros fatores).
- Atente para possíveis incorreções nas respostas, que podem denotar dificuldades na compreensão das ideias e dos conteúdos mais importantes, e as resolva.



Orientação didático-pedagógica

Professor/a,

Na apresentação das conclusões do grupo e na seção Sistematização, você poderá verificar se os alunos conseguem expressar, de maneira escrita, as ideias que, provavelmente, já foram discutidas na primeira fase. São propostas atividades de leitura e inferência, entretanto, você, certamente, à medida que for desenvolvendo as atividades, perceberá o quanto se poderá ampliar a avaliação.

Os exercícios feitos em grupo aumentam as possibilidades de respostas adequadas, ainda que produzam dúvidas e gerem muito esforço do professor. Utilizamos esse procedimento, pois é dessa forma que normalmente os alunos aprendem a respeitar opiniões e a criar as suas a partir do que ouvem, sopesam e ponderam.

Lembre-se de que seu papel de mediador é fundamental. Caminhe por entre os grupos, dê sua opinião, lance dúvidas, questione, vá ao quadro e sintetize temas que você ache pertinentes, retome o texto, ajude no conteúdo, disponibilize outros exemplos, se possível.

Antes de iniciar as atividades desta Dinâmica, verifique o gabarito apresentado, mas lembre-se de que ele é uma proposta de respostas, podendo ser alterado de acordo com o contexto de sua aula. Ao mesmo tempo, perceba que muitas respostas exigem do aluno esforço e aparelhamento para a interpretação. Ao realizar com a turma a correção das questões, chame a atenção para esse fato mostrando que o entendimento dos textos através dos elementos destacados por eles em suas respostas só é possível pelo trabalho de inferência que realizam durante a leitura. Mostre como a presença de algumas palavras serve para pontuar situações e definir contextos, apontando objetivamente como isso ocorre no momento da apresentação das respostas.

Na **questão 1**, espera-se que o aluno cite, por exemplo: o nomadismo, o hábito de subsistir através da lavoura do milho e da mandioca, uma provável inabilidade de tratar o solo.

A resposta da **questão 2** deve, mais ou menos, ser assim: Os jovens sabiam que era fundamental que Jary os acompanhasse, pois ela era jovem e bela e provavelmente se casaria com um deles. Já o pai dela era velho e talvez não vivesse muito. Aqui você pode dizer que as lendas também possuem uma fundamentação moral e pedagógica, que, no entanto, não aparece tão explicitamente como nas fábulas. Por isso, a leitura de lendas é um excelente exercício interpretativo, além de ampliar o conhecimento de mundo do leitor. Ela exige um nível de esforço e sofisticação de raciocínio capaz de recompensar o leitor com o desenvolvimento gradativo de sua autonomia leitora.

A **questão 3** divide-se em dois itens. A resposta ao item **A** pode ser desde: “Não, apenas o autor tenta demonstrar que o pai era mais experiente e, assim, soube como usufruir do oferecimento do Pajé” até dizerem que “a índia estava satisfeita com sua vida, uma vez que agiu conforme sua consciência, estar ali era escolha sua, ela não era exigente etc.”; e ao item **B**: “O fato de o pajé agir oferecendo um pedido às pessoas”.

Na **questão 4**, espera-se a interferência do conhecimento de mundo do aluno, pois a resposta deve ser: “Não, hoje a ciência sabe dos poderes químicos presentes na composição de tal erva”.

A resposta da **questão 5** deve ser: “Da africana, pois o texto fala em festas tipicamente originárias de África”.

Na **questão 6**, é igualmente necessário acionar o conhecimento de mundo, pois se espera que o aluno conheça um pouco o Carnaval do Rio de Janeiro. Assim, ele poderá responder que a escola de samba é a Vila Isabel.

Na **questão 7**, o aluno deve dizer que há referência à Abolição da Escravatura. Ele pode confirmar citando as palavras Zumbi e Palmares, por exemplo.

A **questão 8** também foi dividida em dois itens. A resposta ao item **A** deve ser: “Não, pois estava totalmente vencida e sem ação.” A resposta ao item **B** deve ser: “Porque Narizinho estava enfeitiçada pela Cuca”.

Finalmente, a **questão 9**, que também se desdobra em dois itens, deve ter como respostas: item **A**: “De que a Cuca havia sido humilhada” e **B**: “Reforçar a derrota da Cuca”.



1. Releia o primeiro parágrafo do Texto I. Nele é possível identificar alguns costumes de povos indígenas. Cite um.

2. No segundo parágrafo do Texto I, os jovens da tribo de Jary insistem para ela abandonar seu pai e ir com eles a novas paragens. Isso revela que os jovens amigos da Índia tinham a preocupação pela manutenção da vida da tribo. Justifique tal afirmação e exemplifique com elementos do texto.

3. Leia o trecho do Texto I e responda: “Certo dia, chegou por aquelas paragens um pajé desconhecido e perguntou à indiazinha o que ela queria para sentir-se feliz. Jary não pensou em nada.”

a. Podemos pressupor que a indiazinha estava contente com a situação na qual se encontrava? Justifique.

b. Há uma intertextualidade explícita com a fábula árabe do gênio da lâmpada. Explícite com elementos do texto tal afirmação.

4. O Texto I pertence ao gênero lenda, que possui como principal característica dar explicações imaginativas a fatos aparentemente inexplicáveis ou sobrenaturais. Hoje a explicação dada ao poder da erva-mate ainda possui teor sobrenatural? Justifique.

5. Considere o conteúdo e o título do Texto II. Você pode inferir que Kizomba é a festa de qual cultura? Justifique.

6. No Texto II, o fato de a palavra Vila estar grafada em letra inicial maiúscula revela-nos que não se trata de uma vila qualquer. Considerando que a canção é um samba-enredo, que vila seria essa?

7. O Texto II faz alusão a que fato histórico do Brasil? Justifique com partes ou palavras do texto.

8. O Texto III inicia-se com o seguinte período: “Voltando os dois na maior pressa para os domínios da Cuca”.
- a. com a leitura, podemos concluir que a Cuca ainda dominava o lugar? Justifique.

- b. Por que os garotos estavam com pressa?

9. Considere o fragmento a seguir: “Mas vendo que se tinha enganado, debatia-se no raio acesso de cólera e desespero, sentindo-se completamente vencida. E por quem! Por um menino de nove anos e mais um saczinho...”.
- a. O uso da idade do menino e do diminutinho na palavra Saczinho revelam a ideia do autor de tentar enfatizar que tipo de fato/situação?

- b. Qual o objetivo do uso da palavra “completamente”?

SISTEMATIZAÇÃO

O que são informações implícitas?

Podem ser consideradas implícitas todas as informações veiculadas sem que o falante precise se comprometer diretamente com a sua transmissão. Os conteúdos implícitos que se baseiam em informações recuperadas linguisticamente constituem os **pressupostos**. Os que estão relacionados ao contexto e à situação são os chamados **subentendidos**.

- a. **Pressupostos:** são informações recuperadas linguisticamente; não podem ser negadas pelo emissor e nem desconsideradas pelo interpretante de um texto, pois estão inseridas concretamente na própria construção do discurso.

Exemplo: A Cuca estava amarrada. Nesse período, pressupõe-se que ela não estava solta, ou seja, que sofria um impedimento real e limitador de suas ações. Não há como negar essa verdade textual.

- b. **Subentendidos:** são informações que não estão marcadas linguisticamente, mas encontram-se “insinuadas” por trás de uma afirmação e podem ser recuperadas a partir da análise da enunciação de um texto.

Exemplo: A Cuca estava amarrada. Pode-se, a partir da leitura, subentender que foi presa por Pedrinho e pelo Saci.

ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO



CUIDADO COM O VESTIBULAR. ELE “TE PEGA DAQUI, TE PEGA DE LÁ”

Leia o texto a seguir e responda:

Caçadas a Pedrinho

Talvez seja até um bom sinal, em país acostumado a dizer que “tudo termina em pizza”, a circunstância de que tanta coisa, agora, alcance o Supremo Tribunal Federal.

Constitui evidente exagero, todavia, que a polêmica sobre o livro “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, necessite da intervenção do STF para ser dirimida.

Parece faltar equilíbrio em muitas dessas manifestações. Em primeiro lugar, não se trata propriamente de “censura” ao clássico infantil. “Caçadas de Pedrinho” continua a circular livremente.

Para alguns setores do movimento negro, o recurso a notas explicativas não é suficiente. Com parcela de razão, argumentam que nem sempre os professores da rede pública estão preparados para desenvolver esclarecimentos satisfatórios sobre o assunto.

A lembrança não exclui, entretanto, a comichão censória que tantas vezes acompanha o espírito politicamente correto. Julga-se eliminar o racismo recalando, e não dissecando, suas manifestações.

Há algo de ridículo nessa insistência, e não há conciliação possível quando uma das partes está mais interessada em manter a discussão para além do que seu âmbito, restrito e pontual, permite.

(Adaptado, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/66111-cacadas-a-pedrinho.shtml>)

1. (Insper 2013) Na construção argumentativa, uma estratégia frequente é aquela na qual se reconhecem dados ou fatos contrários ao ponto de vista defendido, para, em seguida, negá-los ou reduzir sua importância. O fragmento em que o autor reconhece uma posição contrária ao que pretende defender é:
 - a. “Constitui evidente exagero, todavia, que a polêmica sobre o livro ‘Caçadas de Pedrinho’...”
 - b. “Em primeiro lugar, não se trata propriamente de ‘censura’ ao clássico infantil.”
 - c. **“Com parcela de razão, argumentam que nem sempre os professores da rede pública estão preparados...”**
 - d. “A lembrança não exclui, entretanto, a comichão censória...”
 - e. “Há algo de ridículo nessa insistência, e não há conciliação possível...”

A resposta correta é a letra C, pois o autor do texto, apesar de não concordar com o argumento utilizado, usa a expressão “Com parcela de razão” em sua construção argumentativa. Trata-se do tipo de estratégia citada no enunciado. Nas demais opções não há uma ponderação/refutação que seja depois desfeita pelo autor, por isso não seria a letra A. Nessa opção, o autor declara ser exagero censurar o livro para eliminar o racismo. Não seria a letra B, pois ele afirma que não é censura e conclui que o livro continua a circular. Na letra D ele afirma que mais uma vez haverá censura por motivo torpe, como de costume, inviabilizando-a como resposta. Finalmente, não seria a letra E, pois ele afirma que a insistência é ridícula e que por isso não haverá conciliação, levando sua reflexão para longe da estratégia mencionada na questão.



2. (Ufrn 2012) Considere o seguinte trecho do conto “O fisco (conto de Natal)”, publicado em 1921 e integrante do livro **Negrinha**, de Monteiro Lobato:

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas, em vez de espichar o pé, o homem rosou aquela terrível interpelação inicial:

– Então, cachorrinho, que é da licença?

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008, p. 71.

O trecho em destaque apresenta um episódio ocorrido em um parque. No contexto da narrativa, a cena ilustra:

- a. um confronto entre a autoridade constituída e o menino que insiste na desobediência à lei.
- b. um encontro amigável entre o menino engraxate e um cliente.
- c. uma conversa amistosa entre as personagens, de posições sociais distintas.
- d. **uma relação de desigualdade entre as personagens, determinada pela força repressiva.**

A resposta correta é a letra D, pois é evidente, no contexto, a relação de desigualdade entre o menino engraxate e a autoridade que o interpela desdenhosamente (“Então, cachorrinho”) e lhe exige autorização legal para continuar trabalhando. Não seria a letra A, pois não fica evidente uma desobediência do menino. Também não seriam as letras B e C, pois basta ver que o homem rosna e é ríspido com o garoto.



ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL



QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO – CONTAÇÃO DE LENDAS

A lenda da erva-mate é apenas uma das centenas de histórias fantásticas que constituem o imaginário da cultura folclórica do Brasil. O mundo mudou muito desde que essas lendas começaram a circular. As pessoas hoje não acreditam mais em determinadas histórias, pois o desenvolvimento da ciência e a propagação do conhecimento comprovável não dão mais espaço para explicações imaginativas nem levam em consideração a sobrenatural.

Diante disso, que tal agora “mexer” um pouquinho na história dessa lenda a fim de “atualizá-la”? Tente substituir a erva-mate por algo mais convincente (um remédio, um chip), assim como os personagens (que tal um empresário ou um jogador de futebol que já estejam idosos?).

Integre-se em um grupo com a ajuda do/a professor/a. Em seguida, discuta com seus colegas as mudanças que se processarão no enredo da sua “lenda”. O grupo deverá, então, redigir de forma sucinta a nova “lenda” de sua autoria e um integrante deverá ser selecionado como relator. Ele irá contar a nova versão da “lenda” para a turma.

Mãos à obra!

Orientação didático-pedagógica

Distribua os alunos novamente em grupos.

Assuma o papel de mediador.

Dê subsídios sobre os possíveis personagens, situações, poções, remédios, máquinas que eles terão de criar em sua produção.

Peça que o representante do grupo vá à frente e conte a versão de seu grupo para a nova “lenda” mencionada na proposta.

Pondere antes e durante a confecção do trabalho sobre o aspecto indispensável da verossimilhança, ou seja, a capacidade de o texto apresentar uma situação possível dentro do universo que propõe construir (no universo dos super-heróis, por exemplo, é verossímil que um homem voe, no entanto, não é verossímil que ninguém voe em um texto realista).





Português

Lined writing area for Portuguese text.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELIM, R.C.C. “Polifonia e implícito como recursos argumentativos em textos midiáticos.” In: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. (Org.) **Texto e discurso, mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 15-25.
- PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O ALUNO

- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2002.
O livro conta as histórias de Narizinho, a menina do nariz arrebitado. Esse livro compõe uma série de livros infanto-juvenis escritos por Monteiro Lobato. As histórias dessa série se passam no Sítio do Pica-pau Amarelo, sítio de Dona Benta (avó da menina). Você pode acessar o livro, assim como os demais da coleção, a partir do seguinte link:
- http://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2010/08/reinacoes_denarizinho.pdf
- SOUSA, Mauricio de. **Turma da Mônica em lendas brasileiras**. São Paulo: Girassol, 2011.
O autor dos gibis mais famosos do Brasil produziu uma coleção sobre as diversas lendas brasileiras. A turma da Mônica vive as aventuras mais fantásticas e sinistras. Há vários números, todos disponíveis em qualquer livraria.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O PROFESSOR

- CASCUDO, Luis da Câmara. **Lendas brasileiras**. São Paulo: Global, 2010.
Nessa obra, professores em geral poderão usufruir de uma análise, ainda que breve, de um grande número de lendas brasileiras reunidas por esse importante estudioso de nossas raízes culturais.
- RIBEIRO, Darcy. **Influência dos povos na cultura brasileira**.
- <http://www.youtube.com/watch?v=2gqz4BHYcck>
Vídeo interessante em que o autor discorre sobre a influência de diversos povos sobre a formação da identidade cultural brasileira. É sempre interessante ouvir o mestre Darcy Ribeiro falando sobre as origens do povo brasileiro.